

A psicanálise e a cultura: arquitetos do sujeito

Marilsa Taffarel

Resenha de Giovanna Bartucci, *Onde tudo acontece – Cultura e psicanálise no século XXI*, Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2013, 238 p.

174

PERCURSO 54 : junho de 2015

Onde tudo acontece, livro de Giovanna Bartucci, prêmio Jabuti 2014, nos oferece uma ampla série de textos crítico/ensaísticos e entrevistas com importantes pensadores sobre a produção de vanguarda na psicanálise, na literatura, no cinema, nas artes plásticas, nos *reality shows*, tendo sempre como foco a função da arte e da psicanálise na recuperação das condições de reflexividade. Textos esses primeiramente publicados em periódicos e revistas de cultura num período de doze anos (2000 a 2012).

A autora dedica-se a mostrar que a psicanálise e a arte podem cumprir um papel fundamental. Diria mesmo que a autora insiste na tese – melhor exposta em seu livro anterior *Fragilidade absoluta*¹ – de que a psicanálise precisa estar atenta para o fato de que nosso tempo, tempo da modernidade radical, gera seres humanos por assim dizer tendentes a apresentar uma estrutura psíquica deficitária. Excessivamente exteriorizados, demasiadamente abertos para *o fora*.

A medida dessa estrutura descompleta é o indivíduo neurótico, ser conflituado e conflitivo, cuja *intimidade* suporta interrogação, questionamentos e, por isso mesmo, seus processos identificatórios compõem um arco mais amplo. Daí decorrendo tanto a tolerância e a interrogação

sobre a alteridade – quem é o tu – quanto a condição de sustentar a interrogação crucial: quem mesmo sou eu? Portanto, seres abertos para a surpresa quanto a si mesmos advinda do real que os constitui.

Giovanna eleva qualitativamente e quantitativamente o rol – elencado por A. Giddens – de elementos produtores e mantenedores do “caráter ‘aberto’ da autoidentidade e da natureza reflexiva do corpo”², na linguagem do autor.

Vale arrolar os fundamentos presentes no pensamento contemporâneo, que se somam compondo um espectro de influências cruzadas com a psicanálise, os quais a autora tem como pano de fundo em sua compreensão do sujeito e de seu sofrimento na atualidade: impacto da sociedade do espetáculo (Déborde) da sociedade esvaziada de trocas inter-humanas (Baudrillard), da incerteza extensa (Sennet).

O que interessa a nossa autora é sustentar que esses e outros fatores incidem sobre a formação das instâncias psíquicas constituintes do indivíduo e de sua representação têmporo-espacial. Para que a estrutura formada por ideais imaginários e simbólicos conectados com o corpo pulsional possa se montar em cada um e para que seu interjogo, sua instabilidade e oscilação inevitáveis possam ocorrer, a boa temporalidade agostiniana precisaria ter lugar. Somente com um presente que se imbrica com o passado e com o futuro pode-se supor que um investimento em ideais simbólicos pertinentes faça sentido. Do contrário o sujeito precisa ocupar-se na contínua restauração de uma imagem narcísica importada em relação de pouca ou nenhuma *interioridade* real consigo. Ou então resta-lhe empreender a busca de si mesmo, ir em busca do que tem mais densidade ontológica para um *si*. É essencialmente dessa busca que trata esse livro.

Nas palavras da autora em seu livro anterior citado acima, “[...] os tempos que correm têm promovido a diminuição acelerada da experiência de interiorização pelo sujeito, desvelando o autocentramento conjugado ao valor de exterioridade, sem que haja perda da função

de sujeito, mesmo que momentânea”³. Ou seja, não se trataria da desubjetivação psicótica, mas do “dilaceramento do registro narcísico do eu”⁴. Tratar-se-ia de um distúrbio cuja gênese, para a autora, não se “encontra primariamente na sexualidade edípica”⁵, exigindo da psicanálise novas narrativas.

Bartucci sustenta que é preciso recompor a estrutura que caracteriza a neurose. “[...] faz-se necessário supor a existência de um ‘lugar psíquico de constituição de subjetividade’, por meio do qual processos fundadores de sujeitos possam se dar”⁶.

Caberia à psicanálise uma tarefa menos decifratória e mais arquetônica que promovesse o “restabelecimento das variáveis instauradoras do conflito, por meio de operadores simbólicos que ordenem uma função estruturante”⁷. Em outras palavras, à psicanálise cabe construir a morada onde uma experiência (de padecimento), uma narrativa de si possa habitar e se entrelaçar em discursos compartilháveis. Essa é também a função da produção cultural.

A formação profissional da autora lhe permite analisar a produção no cinema – Sokurov, Kiarostami, Almodóvar, Michael Haneke, Lynch, Spike Jonze, Marina Person, Roberto Berliner – na literatura já consagrada internacionalmente – Yasunari Kawabata, Haruki Murakami, Catherine Millet, Silviano Santiago –, na literatura brasileira contemporânea, na arte contemporânea, mantendo seu foco: a função de proteção dos processos de pensamento, os efeitos transformadores da subjetividade em direção à mudança, à transformação e

ampliação do espectro de identificações que os processos culturais oferecem.

A produção cultural de menos densidade ontológica pensada criticamente e a densa produção cultural mostram quais interrogações são fundamentais para o sujeito. E, mais do que isso, quais formas e quais percursos podem levar a uma reconstrução de si. Evidentemente isso exige uma postura ativa/reflexiva diante do que o cinema, as artes plásticas, a literatura nos propicia. É essa também a importante contribuição de Giovana nesse livro no qual se põe como uma incessante interlocutora crítica de um amplo espectro de produções.

O psicanalista inquieto e atento precisa estar imerso no mundo que o rodeia. Se quiser ser psicanalista, leia literatura policial, aconselhou Melanie Klein a um jovem, apontando para uma forma de apreensão do caráter investigativo do método psicanalítico. Para a compreensão do humano além de Freud, classicamente, o psicanalista deveria conhecer mitos e tragédia gregas, deveria ler Shakespeare, entre outros. Isso levou um psicanalista/pensador crítico, no sentido forte da palavra, Fábio Herrmann, a ironizar, décadas atrás, descrevendo o *kit básico de leituras* do psicanalista. Sinalizava ele a importância de participar do vasto mundo da cultura, de clinicar no mundo, no sentido de *nos inclinar para* com nosso instrumento *princeps*: o método psicanalítico. Diga-se de passagem que o psicanalista desde que abandona a ideia de fazer psicanálise aplicada à cultura muito se beneficia do fascínio que a produção cultural sempre lhe produziu.

Em especial, nesse livro de G. Bartucci, temos um modelo de apropriação reflexiva e criativa do pensamento, posto em palavras, sons e formas, que circula pelo mundo.

Vejam os alguns poucos exemplos dentre tantos autores de tantas áreas que são analisados no presente livro. Comentando o filme de 2004, *A pessoa é para o que ela nasce*, dirigido por Roberto Berliner e codirigido por Leonardo Domingues, que narra o percurso de vida de três irmãs cegas, descreve Bartucci como a realização

1 G. Bartucci, *Fragilidade absoluta: ensaios sobre psicanálise e contemporaneidade*, São Paulo, Planeta, 2006.

2 A. Giddens, *A transformação da intimidade – sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas*, São Paulo, Editora da Universidade Estadual Paulista, 1993.

3 G. Bartucci, *Fragilidade absoluta: ensaios sobre psicanálise e contemporaneidade*. São Paulo, Planeta, 2006, p. 87.

4 G. Bartucci, *op. cit.*, p. 88.

5 G. Bartucci, *op. cit.*, p. 91.

6 G. Bartucci, *op. cit.*, p. 92.

7 G. Bartucci, *op. cit.*, p. 92.

Marilsa Taffarel é psiquiatra e psicanalista, membro efetivo da SBPSP.

e as repercussões do filme sobre as três irmãs, reconhecidas em esfera nacional, testemunham a potência da arte que opera uma transformação radical e uma ampliação do mundo subjetivo dos participantes. “o que *A pessoa é para o que ela nasce* faz – por meio da sétima arte – é possibilitar às três irmãs de Campina Grande um exercício de resgate que finda por desdobrar-se em um inesperado e surpreendente vir a ser” (p. 147).

No texto que escreve sobre o ousado livro de Catherine Millet, crítica de arte francesa no

qual essa descreve suas inumeráveis e não convencionais experiências sexuais, Bartucci levanta interrogações e ensaia respostas sobre o lugar e o uso do corpo e da escrita para ter acesso a partes de si mesmo. Assim como na escrita de Haruki Muramaki, Bartucci assinala como a busca do “eu verdadeiro” se realiza através “de um outro – sejam eles amores, amigos ou textos – que será sempre o ‘outro de si próprio’ que os narradores visam encontrar” (p. 139).

Finalmente, através das mais de duzentas páginas do livro *Onde tudo acontece* podemos junto com sua autora chegar a esses lugares-outros que, além da psicanálise, permitem a instauração, a constituição de subjetividades.